

«Prepare-se para
se apaixonar.»

JULIA QUINN

VENCEDORA
DO PRÊMIO RITA

MELHOR
ROMANCE
HISTÓRICO

Tessa Dare

Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

Escândalo com o Marquês

TOP
SEL
LER

*Aos meus três lindos gatos — as duas irmãs solteironas
e o libertino impenitente que apareceu uma noite para lhes
virar a vida do avesso. Embora se sentem no meu teclado e me
derramem o café em cima da secretária, as meiguices e os
ronrons compensam largamente as suas travessuras.*

Capítulo 1



Nottinghamshire, outono de 1819

O cavalheiro vestido de preto virou para o corredor e Charlotte Highwood seguiu-o. Sorrateiramente, claro. Não podia denunciar a sua presença.

Detetou o som de uma porta a ser destrancada delicadamente — mais ao fundo no corredor, à esquerda. A porta que dava para a biblioteca de Sir Vernon Parkhurst, se a memória não lhe falhava.

Hesitou num recanto, debatendo-se em silêncio.

No quadro geral da sociedade inglesa, Charlotte era uma jovem sem grande importância. Perturbar o recolhimento de um marquês — a quem nem sequer tinha sido apresentada — seria considerado uma grave impertinência. Mas a impertinência era preferível à alternativa: mais um ano de escândalo e infelicidade.

Conseguia ouvir uma música distante, vinda do salão de baile. Os primeiros acordes de uma quadrilha. Se era para agir, teria de ser naquele momento. Antes que perdesse a coragem, Charlotte pôs-se a percorrer o corredor em bicos de pés e levou a mão ao trinco da porta.

Para mães desesperadas, medidas desesperadas.

Mal abriu a porta, o marquês ergueu de imediato os olhos na sua direção. Estava só, de pé, atrás da secretária da biblioteca.

E era perfeito.

E por perfeito ela não se referia ao facto de ser bonito — embora o fosse. Maçãs do rosto salientes, um queixo quadrado e um nariz tão direito que parecia que Deus recorrera a régua e esquadro para o fazer. Mas tudo o resto nele era igualmente perfeito — a postura, a atitude, a madeixa escura de cabelo; a sensação de controlo confiante que ele emanava, enchendo a sala.

Apesar dos nervos, sentia uma ponta de curiosidade. Nenhum homem era perfeito. Toda a gente tinha defeitos. Se as imperfeições não eram visíveis, deviam estar escondidas lá bem fundo no seu interior.

Os mistérios sempre a intrigaram.

— Não fique alarmado — disse, fechando a porta ao entrar. — Vim salvá-lo.

— Salvar-me. — A voz baixa e profunda deslizou por ela como couro da melhor qualidade. — De...?

— Oh, de toda a espécie de coisas. Especialmente incómodos e humilhações. Mas alguns ossos partidos não são de todo uma impossibilidade.

Com um gesto, ele fechou uma gaveta da secretária.

— Já fomos apresentados?

— Não, senhor — respondeu, lembrando-se já um pouco a destempo de fletir o joelho. — Quer dizer, eu sei quem o senhor é. Piers Brandon, Marquês de Granville.

— Da última vez que verifiquei, sim, era.

— E eu sou Charlotte Highwood, da família Highwood, que o senhor não tem motivo algum para conhecer. A menos que leia o *Prattler*, coisa que provavelmente não faz.

Meu Deus, espero que não leia.

— Uma das minhas irmãs é a Viscondessa Payne — continuou ela. — Talvez tenha ouvido falar nela; gosta de pedras. A minha mãe é impossível.

Após uma pausa, ele inclinou a cabeça.

— Encantado.

Ela quase soltou uma gargalhada. Nenhuma outra resposta poderia parecer menos sincera.

«Encantado», francamente... Sem dúvida que «chocado» teria sido uma resposta mais verdadeira, mas era demasiado bem-educado para o dizer.

Voltou a demonstrar as suas maneiras refinadas, indicando o sofá e convidando-a a sentar-se.

— Obrigada, mas não posso. Tenho de voltar para o baile antes que a minha ausência seja notada, e não me atrevo a engelhar o vestido — disse, alisando as saias do vestido rosa-pálido. — Não quero impor-lhe a minha presença. Só vim dizer uma coisa. — Engoliu em seco. — Não estou minimamente interessada em casar consigo.

O olhar calmo e imperturbável do marquês perscrutou-a da cabeça aos pés.

— Parece que espera que eu fique aliviado.

— Bem... sim. Como qualquer cavalheiro ficaria no seu lugar. A verdade é que a minha mãe é conhecida pelas suas tentativas de me atirar para a frente de cavalheiros titulados. É até motivo de escárnio público. Talvez já tenha ouvido a expressão «A Debutante Desesperada».

Oh, como ela detestava ter sequer de pronunciar aquelas palavras... Tinham-na seguido desde o início do verão, qual nuvem amarga e asfixiante.

Durante a primeira semana em Londres, na primavera, ela e a mãe andavam a passear por Hyde Park, desfrutando de uma agradável tarde, quando a sua mãe vislumbrara o Conde de Astin a cavalo, em Rotten Row. Na ânsia de garantir que os cavalheiros cobiçados reparassem na sua filha, a Sra. Highwood atirara-a para a frente dele — fazendo com que uma Charlotte desprevenida se espalhasse por terra, obrigando o cavalo do conde a empinar-se sobre as patas traseiras e provocando a colisão de nada menos do que três carruagens.

O número seguinte do *Prattler* apresentou um *cartoon* de uma jovem com espantosas parecenças com Charlotte, com os seios meio desnudados e as pernas bem à mostra, atirando-se para a frente do trânsito. O título era: «A Praga Primavera de Londres: A Debutante Desesperada.»

E foi assim que Charlotte se tornou um escândalo.

Pior do que um escândalo: uma ameaça à saúde pública. Durante o resto da temporada, nenhum outro cavalheiro se atreveu a aproximar-se dela.

— Ah — disse ele, parecendo juntar as peças do enigma. — Então é por sua causa que o Astin anda a coxear.

— Foi um acidente — defendeu-se ela, encolhendo-se. — Mas, embora me mortifique admiti-lo, há uma grande probabilidade de a minha mãe me querer empurrar para si. Queria pedir-lhe que não se preocupe. Ninguém espera que as maquinações dela funcionem. Muito menos eu. Quero dizer, seria absurdo. O senhor é um marquês. Um marquês rico, importante e bonito.

Bonito, Charlotte? A sério?

Porque teria dito tal coisa em voz alta?

— E não almejo mais do que um terceiro filho — apressou-se a dizer. — Para não falar na diferença de idades. Não me parece que se queira casar com uma pessoa muito mais nova. — Os olhos de Lorde Granville semicerraram-se. — Não que o senhor seja velho — acrescentou de imediato. — E não que eu seja assim tão nova. A diferença de idades não é propriamente enorme. Na verdade, até nem pode ser considerada grande. Diria mesmo que até é razoável. — Tapou a cara com as mãos por instantes. — Estou a meter os pés pelas mãos, não estou?

— Sem dúvida.

Charlotte dirigiu-se para o sofá e deixou-se cair em cima dele. Afinal, sempre se queria sentar.

Ele saiu de trás da secretária e sentou-se sobre um canto do tampo, mantendo uma bota firmemente assente no chão.

Diz o que pensas, recomendou a si própria.

— Sou amiga íntima da Delia Parkhurst. O senhor é um conhecido de Sir Vernon. Estaremos ambos aqui nesta casa como convidados durante as próximas duas semanas. A minha mãe vai fazer tudo o que puder para encorajar uma relação. Isso significa que o senhor e eu devemos fazer com que nunca nos cruzemos. — Ela sorriu, tentando aligeirar a situação. — É uma verdade universalmente reconhecida que um nobre, na posse de uma boa fortuna, deve manter-se bem longe de mim. — Ele não riu. Nem sequer sorriu. — A última parte... era uma brincadeira, meu senhor. Há uma frase de um romance...

— *Orgulho e Preconceito*. Sim, já o li.

Claro. É claro que lera. Servira durante anos em missões diplomáticas no estrangeiro. Após a rendição de Napoleão, ajudara a negociar o Tratado de Viena. Era um homem mundano e culto e provavelmente falava uma dúzia de línguas.

Charlotte não tinha muitos talentos, pelo menos daqueles que a sociedade leva em consideração —, mas tinha as suas qualidades. Era uma pessoa bondosa e frontal e sabia rir-se de si própria. Nas conversas, geralmente conquistava as pessoas e fazia com que se sentissem à vontade.

Tais talentos, embora modestos, faltavam-lhe todos naquele momento. Entre a compostura dele e aquele olhar azul fixo e penetrante, falar com o marquês parecia-se muito com conversar com uma escultura de gelo. Não havia forma de o fazer derreter.

Tinha de haver um homem de carne e osso algures ali dentro.

Olhou-o de soslaio, tentando imaginá-lo num momento de descontração. Sentado ociosamente naquela cadeira de couro acolchoada com as botas pousadas em cima da secretária. Sem casaco nem colete; as mangas desapertadas e enroladas até aos cotovelos. Talvez a ler um jornal, enquanto bebia ocasionalmente um gole de *brandy*. Uns pelos a despontarem naquele queixo esculpido, e o cabelo espesso e escuro desalinhado de...

— Menina Highwood.

Ela assustou-se.

— Sim?

O marquês inclinou-se para ela, baixando a voz.

— Tanto quanto sei, as quadrilhas, embora pareçam intermináveis, chegam a um ponto em que acabam mesmo. É melhor voltar ao salão de baile. E, já agora, eu também.

— Pois, tem razão. Eu vou primeiro. Se fizer o favor, espere dez minutos ou coisa que o valha antes de ir. Assim terei tempo de dar uma desculpa por me ter ausentado do baile. Talvez uma dor de cabeça. Oh, mas temos duas semanas pela frente... Ao pequeno-almoço será fácil. Os cavalheiros comem sempre mais cedo, e eu nunca me levanto antes das dez horas. Durante o dia, o senhor vai fazer desporto com Sir Vernon, e nós, as senhoras, teremos cartas para escrever ou iremos passear nos jardins. Assim, vamos passar estes dias sem grandes problemas. Já o jantar de amanhã... Temo bem que tenha de ser a sua vez.

— A minha vez?

— De fingir estar indisposto. Ou de fazer outros planos. Não posso dizer que me dói a cabeça todas as noites que aqui estou, não é?

Ele estendeu a mão e ela aceitou-a. Ao ajudá-la a levantar-se, manteve-a junto a si.

— Tem a certeza de que não planeia casar comigo? Porque parece que já me está a organizar a agenda. Tal qual uma esposa.

Ela riu nervosamente.

— Nada disso, acredite. Não importa o que a minha mãe tem em mente, não partilho das esperanças dela. Seríamos um par terrível. Sou demasiado nova para si.

— Sim, já deixou isso bem claro.

— O senhor é um modelo de decoro.

— E a menina está... aqui. Sozinha.

— Exatamente. Eu tenho o coração na ponta da língua e o seu está claramente...

— Guardado no sítio habitual.

Se tivesse de adivinhar, Charlotte diria que estava enterrado algures no Círculo Polar Ártico.

— A questão, meu senhor, é que não temos nada em comum. Seríamos pouco mais do que dois estranhos a habitar a mesma casa.

— Sou marquês. Tenho cinco casas.

— Mas o senhor sabe o que eu quis dizer — disse ela. — Seria um desastre total.

— Uma existência pontuada pelo tédio e pela infelicidade.

— Sem dúvida.

— Seríamos forçados a basear toda a nossa relação em encontros sexuais.

— Eu... Como?

— Refiro-me a desportos de cama, menina Highwood. Isso, pelo menos, seria tolerável.

O calor subiu-lhe do peito para o couro cabeludo.

— Eu... O senhor...

Enquanto ela tentava desesperadamente desfazer o nó que tinha na língua, o esboço subtil de um sorriso brincava nos lábios dele.

Poderia mesmo ser uma fenda no gelo?

Ficou aliviada.

— Acho que está a zombar de mim, senhor.

Ele encolheu os ombros em sinal de assentimento.

— Foi a menina que começou.

— Não fui nada.

— Chamou-me velho e desinteressante.

Ela mordeu a língua para não sorrir.

— Sabe que não era isso que eu queria dizer.

Oh, valha-me Deus. Não podia ir por ali. Se soubesse que ele era capaz de provocar e de ser provocado, poderia vir a achá-lo demasiado interessante.

— Menina Highwood, não sou homem de ser forçado a fazer absolutamente nada, muito menos a casar. Durante o tempo em

que fui diplomata, lidei com reis e generais, déspotas e loucos. Que parte dessa história a faz crer que podia ser apanhado por uma mamã casamenteira?

Ela suspirou.

— A parte em que o senhor não conhece a minha.

Como podia fazê-lo entender a gravidade da situação?

Mal sabia Lorde Granville — nem provavelmente se importaria — que havia mais em jogo para Charlotte do que maledicência e jornais sobre escândalos. Ela e Delia Parkhurst contavam estar ausentes durante toda a temporada seguinte em Londres para viajarem pelo Continente. Já tinham tudo planeado: seis países, quatro meses, duas grandes amigas, uma acompanhante absolutamente permissiva — e, acima de tudo, sem pais sufocantes.

Contudo, antes de poderem começar a fazer as malas, precisavam de obter autorização para o fazerem. Esta festa outonal tinha como objetivo ser a oportunidade de provar a Sir Vernon e a Lady Parkhurst que os rumores que corriam sobre ela não eram verdadeiros. Que não era uma caçadora de fortunas descarada, mas uma senhora bem-comportada e uma amiga leal em quem se podia confiar para acompanhar a filha deles na *Grand Tour*.

Charlotte não podia deitar tudo a perder. Delia estava a contar com ela. E ela não suportaria ver os seus sonhos novamente frustrados.

— Por favor, meu senhor. Se ao menos concordasse...

— Chiu.

Num instante a expressão dele transformou-se. Passou de calmo e aristocrático a repentinamente alerta, virando a cabeça na direção da porta.

Ela também ouviu. Passos no corredor. A aproximarem-se.

Vozes sussurradas do outro lado.

— Oh, não — disse ela em pânico. — Não podemos ser vistos aqui juntos.

Assim que acabou de articular as palavras, a biblioteca começou a andar à roda.

Charlotte nem tinha a certeza de como acontecera.

Teria fugido em pânico? Tê-la-ia ele agarrado nos braços a determinada altura?

Num instante, ela olhava horrorizada enquanto a maçaneta da porta rangia e rodava. No seguinte, estava instalada no banco junto da janela da biblioteca, escondida atrás das pesadas cortinas de veludo.

Peito com peito com o Marquês de Granville.

O homem que tencionava evitar a todo o custo.

Céus.

As mãos dela, presas às lapelas do casaco dele. Os braços dele envolviam-na, com firmeza, e tinha as mãos abertas nas costas dela — uma na cintura, a outra entre os ombros. Os olhos dela estavam fixos no seu plastrão imaculadamente branco.

Apesar do constrangimento da posição, Charlotte fez questão de não se mexer nem fazer barulho. Se fossem descobertos assim, ela nunca recuperaria. A mãe havia de meter as garras em Lorde Granville e recusar-se-ia a soltá-lo. Quer dizer, isso se Charlotte não morresse de vergonha antes.

Contudo, à medida que os segundos iam passando lentamente, parecia cada vez menos provável que ela e Granville fossem descobertos.

Duas pessoas tinham entrado na sala e não perderam tempo a fazer uso dela.

Os sons eram subtis, abafados. Risinhos ténues e o restolhar de tecido.

O perfume filtrava-se pelas cortinas em ondas densas e pungentes.

Ela ergueu os olhos, procurando a reação de Granville na escuridão. Ele olhava diretamente para a frente, de novo imperturbável, de novo uma escultura de gelo.

— Acha que ele notou? — murmurou uma voz masculina.

Em resposta, o sussurro rouco de uma mulher:

— Chiu. Seja rápido.

Uma sensação de terror invadiu o peito de Charlotte.

O terror foi agravado por vários momentos de sons abafados e perturbadoramente húmidos.

Por favor, rezava ela, fechando os olhos com força. Que isto não seja o que suspeito que é.

A oração não teve resposta.

Começaram a ouvir-se sons ritmados. Sons cadenciados e rangidos que ela só podia imaginar que viessem do tampo de uma secretária — uma secretária que era abanada violentamente. E quando já estava preparada para suportar aquela parte...

Começaram os grunhidos.

O corpo humano era uma coisa tão estranha, divagava ela. As pessoas tinham pálpebras para fechar quando queriam descansar a vista. Podiam fechar os lábios para evitar sabores desagráveis. Mas não havia nenhum apêndice para bloquear os sons.

Os ouvidos não se podiam fechar. Pelo menos, sem usar as mãos, e ela não se atrevia a mexê-las. O banco junto da janela era demasiado estreito. O mais leve movimento podia desacomodar as cortinas e denunciá-los.

Não tinha alternativa senão ouvir tudo. Pior do que isso era saber que Lorde Granville também estava a ouvir. Que também ele estava a ouvir o ranger da secretária e cada grunhido animalesco.

E, momentos depois, os gemidos apaixonados.

— Ah!

Grunhido.

— Oh!

Grunhido.

— Iiiii!

Francamente. Estaria a mulher a delirar de prazer ou a recitar as vogais da escola primária?

Uma risada marota fazia-lhe cócegas na garganta. Tentou engoli-la ou afastá-la, sem sucesso. Devia ser dos nervos ou do simples constrangimento da situação. Quanto mais se obrigava

a não rir — trazendo à memória a sua reputação, a viagem com Delia e o facto de todo o seu futuro depender disso —, mais o impulso crescia.

Mordia a bochecha por dentro. Comprimia os lábios, tentando desesperadamente conter-se. Mas, apesar de todos os seus esforços, os ombros começaram a sacudir-se em espasmos.

O ritmo dos amantes acelerou, até que o ranger se tornou um barulho agudo e canino, como um ganido. O homem invisível soltou um grunhido gutural em crescendo.

— *Grrrrraaaah.*

Charlotte perdeu a batalha. O riso irrompeu-lhe do peito.

Tudo estaria perdido se a mão de Lorde Granville não lhe tivesse deslizado para a nuca. Fletindo o braço, ele encostou a cara dela ao seu peito, silenciando-lhe o riso no colete.

Segurou-a com firmeza enquanto os ombros dela se sacudiam e as lágrimas lhe corriam pelas faces, contendo-lhe a explosão da mesma maneira que um soldado saltaria para cima de uma granada.

Foi o abraço mais estranho que ela sentiu na vida, mas também aquele de que mais desesperadamente precisou.

E depois, misericordiosamente, toda a cena terminou.

Os amantes envolveram-se em sussurros e beijos de despedida durante alguns minutos. O tecido que fora apartado foi recolhido e recomposto. A porta abriu-se e depois fechou-se. Ficou apenas um rasto de perfume.

Já não havia sons, exceto um batimento feroz e constante.

O bater do coração de Lorde Granville, percebeu ela.

Afinal parecia que o coração dele não estava enterrado no Círculo Polar Ártico.

Respirando profunda e subitamente, ele libertou-a.

Charlotte não sabia bem para onde olhar, muito menos o que dizer. Limpou os olhos com o pulso, passando depois as mãos pela frente do vestido, assegurando-se de que estava composta. Talvez o cabelo fosse o que mais tivesse sofrido.

Ele pigarreou.

Os olhos deles encontraram-se.

— Espero que seja demasiado inocente para entender o que acabou de acontecer aqui — disse ele.

Ela lançou-lhe um olhar.

— Há inocência e há ignorância. Posso sofrer da primeira coisa, mas não da segunda.

— Era isso que eu receava.

— Receio é a palavra certa — replicou Charlotte, estreme-cendo. — Aquilo foi... horrível. Traumatizante.

Ele ajeitou o punho da camisa.

— Não precisamos de falar mais nisso.

— Mas vamos pensar. Seremos perseguidos por aquilo; está gravado na nossa memória. Daqui a dez anos, podemos estar os dois casados com outras pessoas com vidas preenchidas e ricas. Depois, um dia vamos encontrar-nos por acaso numa loja ou num parque e — estalou os dedos — os nossos pensamentos viajarão imediatamente para este banco.

— Vou esforçar-me sinceramente por apagar este incidente dos meus pensamentos para sempre. Sugiro que faça o mesmo. — Afastou uma dobra da cortina para o lado. — Já deve ser seguro.

Ele saiu primeiro, descendo o grande degrau para o chão. Mais uma vez ela ficou admirada com a forma como ele os tinha conseguido esconder aos dois tão depressa. Os seus reflexos deviam ser notáveis.

O marquês encontrou o cordão para prender novamente as cortinas e começou a arranjar um dos lados.

Charlotte pegou na saia, preparando-se para descer também.

— Espere — disse ele. — Eu ajudo-a.

Mas ela já tinha começado a descer, e aquilo que devia ser um passo gracioso tornou-se um trambolhão desajeitado. Ele aprestou-se a aparar-lhe a queda. Quando ela voltou a pôr-se de pé e se equilibrou, deu por si novamente nos braços dele.

Os braços fortes e protetores do marquês.

— Obrigada — disse ela, sentindo-se impressionada. — Outra vez.

Ele olhou para ela, e voltou a aperceber-se de um sorriso dissimulado e atraente.

— Para quem não quer ter nada que ver comigo, a menina atira-se na minha direção com uma frequência alarmante. — Ela libertou-se, corando. — Nem quero imaginar como trataria um homem que admire — disse ele.

— Por este andar, nunca terei a possibilidade de admirar ninguém.

— Isso é um absurdo. — Ele pegou novamente no cordão da cortina. — É jovem, bonita e dotada tanto de inteligência como de vivacidade. Se umas quantas rédeas torcidas em Rotten Row convenceram todos os cavalheiros viris a evitá-la, temo pelo futuro deste país. A Inglaterra está perdida.

Charlotte amoleceu por dentro.

— Meu senhor, é muita bondade sua.

— Não é bondade nenhuma. É uma simples constatação.

— Mesmo assim, eu... — Ficou paralisada. — Oh, meu Deus! Tinham sido descobertos. A porta da biblioteca abriu-se de par em par.

Edmund Parkhurst, o herdeiro de 8 anos do título de baronete do pai, estava à entrada, pálido e de olhos arregalados.

— Oh, és tu — disse ela, levando a mão ao peito de alívio. — Edmund, querido, pensei que estavas na cama.

— Ouvi barulhos — disse o rapaz.

— Não foi nada — garantiu-lhe Charlotte, abeirando-se da criança e baixando-se para ficar ao nível dos seus olhos. — Apenas a tua imaginação.

— Ouvi barulhos — repetiu ele. — Barulhos maus.

— Não, não. Não aconteceu nada de mal. Estávamos apenas a fazer um jogo.

— Então, porque estiveste a chorar? — O rapaz fez um gesto para Lorde Granville, que ainda tinha o cordão da cortina

na mão. — E porque é que aquele estranho está com uma corda na mão?

— Ah, aquilo? Aquilo não é uma corda. E o Lorde Granville não é um estranho. É convidado do teu pai. Chegou esta tarde.

— Anda cá, vou mostrar-te — disse o marquês, dando um passo em frente e mostrando o veludo entrançado que tinha na mão, esperando, certamente, acalmar o rapaz assustado. Não pareceu, contudo, passar-lhe pela cabeça quão improvável seria que um homem alto e imponente conseguisse pacificar uma criança assustada que nunca o tinha visto na vida.

O rapaz afastou-se, gritando a plenos pulmões.

— Socorro! Socorro! Assassino!

— Edmund, não. Não há nenhum...

— ASSASSINO! — guinchou ele, correndo pelo corredor. — ASSASSINO!

Ela olhou para Granville.

— Não fique aí parado. Temos de o impedir.

— Podia agarrá-lo no corredor, mas algo me diz que isso não ia ajudar grande coisa.

No espaço de um minuto, Sir Vernon, o dono da casa, tinha-se-lhes juntado, preocupado, na biblioteca. Seguido da pior pessoa possível — a mãe dela.

— Charlotte — ralhou ela. — Tenho andado à tua procura por todo o lado. Era aqui que estavas?

Sir Vernon sossegou a histeria do filho.

— O que aconteceu, rapaz?

— Ouvei uns sons. Barulhos de quem se estava a matar. — O rapaz apontou o dedo. — Vindos deles.

— Não houve nenhum barulho semelhante a isso.

— O rapaz está confuso — acrescentou Lorde Granville.

Sir Vernon pôs uma mão no ombro de Edmund.

— Diz-me exatamente o que ouviste.

— Eu estava lá em cima — disse o rapaz. — Começou com um ranger. Era assim: ique-ique-ique-ique.

Charlotte morria lentamente por dentro, enquanto o rapaz começava uma impressionante representação dos sons apaixonados do último quarto de hora. Cada suspiro, cada gemido, cada lamento. Não podia haver dúvidas sobre a atividade que o rapaz de facto escutara. E agora todos iriam concluir que Charlotte e o marquês tinham estado envolvidos naquela mesma atividade.

Ao mesmo tempo que grunhiam.

E usavam cordas.

Nem nos seus piores pesadelos podia ter sonhado com uma cena daquelas.

— Depois houve um rugido terrível e ouvi uma senhora a gritar. Por isso, desci a correr para ver o que se passava. — Virou o dedo acusador para o banco junto da janela. — Era ali que eles estavam juntos.

Sir Vernon parecia visivelmente perturbado.

— Estou a ver... — disse a mãe. — Espero bem que o Lorde Granville tenha intenção de se explicar.

— Peço perdão, minha senhora. Mas como sabemos se não é a sua filha que precisa de se explicar? — disse Sir Vernon, olhando para Lorde Granville. — Tem havido uns rumores na cidade.

Charlotte estremeceu.

— Sir Vernon, talvez devamos ter uma conversa em privado — disse Lorde Granville.

Não, não. Uma conversa privada seria o fim dela. Toda a gente precisava de ouvir a verdade, imediatamente.

— Não é verdade — declarou ela. — Nada disso.

— Está a chamar mentiroso ao meu filho, menina Highwood?

— Não, mas... — hesitou, levando a mão à cana do nariz. — É tudo um mal-entendido. Não aconteceu nada. Ninguém foi assassinado nem assaltado de forma alguma. Não havia nenhuma corda. O Lorde Granville estava a prender as cortinas.

— E porque estavam as cortinas soltas, antes de mais? — perguntou Sir Vernon.

— Está qualquer coisa aqui no chão — disse Edmund.

Quando levantou o objeto para todos verem, o coração de Charlotte parou.

Era uma liga.

Uma liga com fita escarlate.

— Não é minha — afirmou Charlotte. — Nunca vi essa liga na minha vida. Juro.

— E isto? — Edmund virou a fita, expondo um conjunto de pontos.

Na liga estava bordada uma única letra.

A letra C.

Charlotte trocou um olhar inquieto com Lorde Granville.

E agora?

A mãe falou em voz alta.

— Não posso acreditar que, de todos os cavalheiros, fosse logo o Lorde Granville a comportar-se de uma maneira tão desavergonhada e chocante com a minha filha.

Mãe, não.

— Só posso concluir que estivesse consumido pela paixão! — continuou a Sra. Highwood, alto e bom som. E em voz baixa, para Charlotte: — Nunca tive tanto orgulho em ti.

— Mãe, por favor. Está a fazer uma cena.

Mas é claro que uma cena era exatamente o que a mãe queria fazer. Não podia perder a oportunidade de armar um escândalo se tal significasse que a filha ia ficar noiva de um marquês.

Oh, céus. Charlotte tentara avisá-lo, e agora os seus piores receios estavam a tornar-se realidade.

— Estou a dizer a verdade, mãe. Não aconteceu nada.

— Isso não importa — respondeu-lhe a mãe num sussurro. — O que importa é que as pessoas vão pensar que aconteceu alguma coisa.

Charlotte tinha de fazer qualquer coisa. E depressa.

— A liga não é minha! Ainda tenho as minhas postas. Vejam, posso prová-lo — disse, dobrando-se para apanhar a bainha das saias.

A mãe bateu-lhe nas mãos com um leque fechado.

— Na presença de homens? Nem penses!

Como poderia ser pior provar que estava com as duas ligas do que deixar Sir Vernon acreditar que trazia apenas uma?

Mais uma vez, tentou calmamente explicar a verdade.

— O Lorde Granville e eu estávamos apenas a conversar.

— A conversar? — A mãe abanou-se com vigor. — Sobre o quê, gostaria eu de saber.

— Assassino! — gritou Edmund. Cantarolou a palavra, batendo com os pés no chão ao mesmo ritmo. — A-ssa-ssi-no, a-ssa-ssi-no, a-ssa-ssi-no.

— Assassino não! — exclamou Charlotte. — Nem nenhuma outra atividade imprópria. Estávamos a falar sobre... sobre...

— Sobre o quê? — exigiu saber Sir Vernon.

Lorde Granville interveio. Silenciou Charlotte com um toque no braço. Depois pigarreou e respondeu de forma completamente verdadeira — e absolutamente devastadora.

— Estávamos a falar sobre casamento.

Capítulo 2



Na manhã seguinte, Piers estava sentado à mesa nos seus aposentos, segurando uma chávena de café nas mãos e massajando as têmporas. A cabeça latejava-lhe.

— Como é que isso aconteceu ao certo? — No canto do quarto, Ridley escovava o sobretudo azul de Piers. — Explique-me outra vez.

— Acho que não o consigo explicar. E não precisa de fazer isso. Ridley encolheu os ombros e continuou a escovar.

— Não me importo. Acalma-me.

— Faça como bem entender, então.

Para os restantes ocupantes da casa, Ridley era o pajem dele. Para Piers, era um amigo ao serviço da Coroa. Um parceiro fiel e um colega de profissão. Como de costume, o objetivo de Ridley em Parkhurst Manor era escutar as conversas no piso inferior, enquanto Piers circulava entre a elite. Piers não gostava de pedir a um colega que fizesse tarefas menores.

— Quando a quadrilha começou, fui para a biblioteca — disse ele, fazendo um esforço por reconstituir os seus passos da noite anterior para os tentar entender. — Tencionava começar com a investigação.

A investigação. A verdadeira razão destas suas férias no campo. Sir Vernon Parkhurst ainda não o sabia, mas estava a ser considerado para um cargo importante. A Coroa precisava de um enviado

de confiança para resolver o estado emaranhado e corrupto das coisas na Austrália. O escrutínio tinha sido um processo simples... com um senão.

Nos meses anteriores, o homem tinha andado a gastar demasiado dinheiro. Montantes moderados, a intervalos irregulares. Cem libras aqui, duzentas ali. Ocasionalmente também desaparecia da cidade durante alguns dias. Nada demasiado sério, mas o padrão apontava para problemas. Um vício de jogo ou uma amante era o mais provável, mas não podia ser descartada a possibilidade de andar a ser chantageado.

E se Sir Vernon tinha algum segredo que pagava para manter oculto, a tarefa de Piers consistia em descobri-lo.

— Tencionava fazer uma revista rápida à secretária dele à procura de apontamentos ou correspondência. Ela interrompeu-me. Sem apresentação, sem sequer bater à porta primeiro. Achei-a... provocante.

— E bonita.

— Sim. — Não valia a pena negá-lo. Ridley não era cego. A menina Highwood era, de facto, bastante bonita, com olhos vivos e um sorriso largo e fácil. Além disso, era uma figura tentadora.

— E encantadora também, aposto.

— Talvez.

— E foi uma lufada de ar fresco — continuou Ridley, expressando-se entusiasticamente com um floreio da mão. — Um raio de inocência e luz para aquecer o coração frio e negro de um espião exaurido.

Piers emitiu um som de desdém e depois bebeu mais um pouco de café para pôr fim à conversa.

O pior de tudo era que Ridley o conhecia demasiado bem — e tinha, em certa medida, razão.

Piers já passara demasiado tempo a mover-se entre palácios e parlamentos como se fossem cenas de uma interminável peça de teatro. Toda a gente que encontrava, de reis a cortesãos,

desempenhava um papel. Parkhurst Manor era apenas outra cena — ainda por cima, aborrecida.

De repente, aquela mulher entrara pela sala adentro — uma jovem beleza de vestido cor-de-rosa e a pior atriz que já tinha visto. Atrapalhava-se nas falas, tombava o cenário. Por muito que tentasse, Charlotte Highwood era incapaz de ser outra pessoa que não ela própria.

Era uma qualidade rara e revigorante, e embora Piers se sentisse a viver um clichê por ficar encantado, tinha aprendido a desfrutar de um prazer passageiro onde o encontrasse.

Iria pagar por esse lapso de concentração.

Ela também.

— Deixei-a ficar demasiado tempo — disse ele. — Fomos descobertos. Era impossível dar explicações sem suscitar mais perguntas.

Perguntas como por que razão estava na biblioteca privada de Sir Vernon. Era melhor deixar o dono da casa acreditar que tinha procurado um sítio sossegado para praticar a sedução do que admitir a verdade.

— Nem parece seu cometer erros — disse Ridley.

Não, não parecia.

Piers esfregou a cara com ambas as mãos. Não valia a pena pensar nisso agora. Só lhe restava seguir em frente. Enfrentar os seus erros e corrigi-los, se possível. E, caso não fosse, minimizar os danos.

A determinada altura no colapso da noite anterior, as alternativas à sua disposição tinham-se tornado claras. Podia negar o envolvimento e fugir do local do «crime», abandonando a sua missão e atirando uma mulher inocente aos leões.

Ou podia fazer o seu dever, de várias maneiras.

— Naturalmente, irá fazer o que a honra lhe manda — disse Ridley. — É o que faz sempre.

Piers lançou-lhe um olhar irónico. Ambos sabiam que a honra era algo indefinível naquele ramo de atividade. Sim, andavam

atrás daquela sensação reluzente de heroísmo patriótico — a razão pela qual tinham aceitado o trabalho, afinal. Mas parecia que nunca a agarravam por completo. Entretanto, a vergonha e a culpa atormentavam-nos incessantemente.

O melhor, tinha aprendido, era não se examinar muito. Já evitava olhar para dentro de si próprio. A pouca honra que lhe restava estava misturada com logro e trevas.

Esta questão com a menina Highwood não seria diferente, e sentia ainda maior compaixão por ela. Ela merecia mais do que aquilo que ele tencionava fazer naquele dia.

Tamborilou em cima da pasta. Continha informação sobre todos os residentes, convidados e criados em Parkhurst Manor — incluindo Charlotte Highwood.

— Já leu isto. Resuma-mo.

Ridley encolheu os ombros.

— Podia ser pior. Ela vem da pequena nobreza. Várias gerações de aristocracia rural, uma propriedade com rendimentos modestos, mas constantes. O pai morreu deixando três filhas, mas nenhum filho. A propriedade passou para um primo, e as senhoras foram deixadas com dotes medianos. Charlotte é a mais nova. A mais velha, Diana, sofria de asma na juventude, e por isso a família mudou-se para a costa por causa da sua saúde. E é aqui que a coisa fica interessante.

Piers bebeu o café até ao fim.

— Ah, sim?

— Foram para Spindle Cove.

— Spindle Cove? Porque é que esse nome me soa familiar?

— Antes de casar, a Lady Christian Pierce passou lá algum tempo também.

— A Violet? Tem razão. Que interessante.

Piers lembrou-se de que o casal estava agora destacado no sul de França.

— Uma belíssima vila, Spindle Cove. Criada pela filha de Sir Lewis Finch como refúgio para mulheres pouco convencionais.

As jovens têm um horário rigoroso: às segundas-feiras, caminhadas no campo; às terças, banhos de mar; às quartas, ficam no jardim; às quint...

— Francamente, não preciso de todos os detalhes — disse Piers com impaciência. — Voltemos aos Highwoods. Ela tem ligações?

— Em relação a isso, há boas e más notícias.

— As más primeiro.

— A irmã mais velha casou com o ferreiro local.

Piers abanou a cabeça.

— Não acredito que a mãe tivesse permitido isso. Não deve ter tido escolha.

— A boa: a irmã do meio fugiu com um visconde.

— Sim, a Charlotte referiu isso. Quem era o visconde, mesmo? Bateram à porta. Ridley abriu-a e deparou-se com o mor-domo no corredor, que anunciou:

— O Visconde Payne deseja falar consigo, meu senhor.

Ridley fechou a porta, depois sorriu para Piers.

— Este visconde.

— Colin? És mesmo tu?

— Ora cá está a minha irmãzinha preferida.

Charlotte atravessou a sala a correr e lançou os braços à volta do cunhado, abraçando-o com força.

— Como é que te puseste aqui tão depressa?

— A tua mãe enviou uma carruagem rápida. E eu tenho um famoso talento para fazer viagens-relâmpago ao Norte.

— Estou tão contente que aqui estejas.

Colin iria resolver esta situação. Ou, mais precisamente, iria deixar tudo numa balbúrdia, rir de uma maneira desarmante, fazendo com que qualquer escândalo fosse esquecido, e depois poderiam todos sentar-se para almoçar.

Almoçar era uma boa ideia. Ela não conseguira comer nada de manhã e estava cheia de fome.

— Por favor, diz-me que não estás a pensar em nada estúpido como um duelo — disse ela. — Sabes que eu tenho mais pontaria do que tu. A Minerva nunca me perdoaria.

— Não vamos travar um duelo. Não há necessidade disso.

Ela suspirou de alívio.

— Ainda bem.

— O Granville tem intenção de te propor casamento esta manhã, e eu concordei em permiti-lo.

— Propor-me casamento? Mas isso é absurdo. Nós... só estávamos a conversar.

— Sozinhos — fez notar ele.

— Sim, mas só nos escondemos quando os outros entraram.

— No banco junto da janela — frisou ele, com um olhar significativo. — Onde ouviram um encontro amoroso escaldante. Charlotte suspirou de frustração.

— Não fizemos nada.

A sobranceira de Colin levantou-se manifestando a sua dúvida.

— Sou uma pessoa que já se safou de muitas tropelias. Não acredito que não tenham feito nada.

— Não houve nada, estou a dizer-te. Entre nós, não. Não acreditas em mim?

— Acredito. Acredito em ti, querida. Mas, a menos que esses amantes misteriosos apareçam, mais ninguém vai acreditar. E, para dizer a verdade, a dura verdade, o facto de seres apanhada tão perto dele pode bastar para te arruinar os planos. Não foste muito prudente, Charlotte.

— Desde quando te importas com a prudência? Logo tu, um libertino impenitente.

Ele levantou um único dedo para a contradizer.

— Eu *era* um libertino impenitente. Agora sou pai. E deixa-me dizer-te: embora a Minerva possa contestar a velha máxima que diz que os libertinos reformados são os melhores maridos, ela seria a primeira a concordar que somos os pais mais protetores. Eu costumava entrar num salão de baile e ver um jardim

de flores, prontas para serem colhidas. Agora vejo a minha filha. Dezenas como ela.

— Isso é perturbador.

— A quem o dizes — confirmou ele, estremecendo. — A questão é que conheço demasiado bem os pensamentos impróprios que povoam as mentes dos homens.

— Não há nada impróprio na mente do Lorde Granville. Tem a mente mais nobre que já encontrei.

Ao proferir estas palavras, contudo, questionava-se se seria mesmo assim. Lembrava-se do bater do coração dele no banco junto da janela. Do modo como a apertava nos braços. E sobretudo das suas provocações maliciosas.

«Refiro-me a desportos de cama, menina Highwood. Isso, pelo menos, seria tolerável.»

Uma onda de calor varreu-lhe a pele.

— Pura e simplesmente não estou preparada para assentar — disse ela. — Sim, queria a diversão de uma temporada de Londres, mas não tencionava casar-me assim tão depressa.

— Ora, há uma coisa que se diz sobre os planos mais elaborados que os ratos e os homens fazem. Tenho quase a certeza de que está nas Escrituras.

— É de um poema de Robert Burns.

— Ah, sim? — perguntou ele, encolhendo os ombros, incontrito. — Devo reconhecer que raramente leio. E por raramente quero dizer nunca. Contudo, sei uma coisa ou duas sobre o amor e sei como se ri das nossas intenções.

— Não há aqui nenhum amor! Mal nos conhecemos. Ele quer este casamento tanto quanto eu.

— Oh, tenho as minhas dúvidas.

— Porquê?

Colin inclinou a cabeça. Lorde Granville estava sentado numa poltrona na outra extremidade da sala comprida e estreita. Charlotte não o tinha visto entrar. Teria estado ali sentado durante todo aquele tempo?

— Porque a maneira como ele tem estado a olhar para ti dá-me vontade de partir alguma coisa.

— Colin. Tu não és do tipo de partir coisas.

— Eu sei! Acredita, estou tão perturbado com estas mudanças como tu.

— E que altura lamentável, também.

Colin pôs as mãos nos ombros dela.

— Ouve-o, querida. Considerando o que está em causa, faz isso por ti. Apoio-te em qualquer decisão que tomes. Mas tens de ser tu a tomá-la.

Ela assentiu com a cabeça.

Ao casar-se com Minerva, Colin tornara-se o homem da família. No entanto, nunca tinha sido uma grande figura de autoridade. E, por muito que Charlotte valorizasse a sua independência, quase ficara dececionada.

Nunca conhecera o pai. Na juventude, desejava uma presença masculina firme na sua vida. Um irmão mais velho, um tio... até um primo serviria. Um homem que entrasse na sala, com sabedoria e autoridade e unicamente com o interesse dela em mente, e dissesse...

Vai lá para cima e descansa, Charlotte. Eu tomo conta de tudo.

— Vá lá para cima e descanse, Charlotte. — Lorde Granville levantou-se e atravessou a sala. — Eu tomo conta de tudo.

Não, não, não.

Não era aquele homem.

E porque se lhe dirigia como Charlotte? Correto como era, devia saber que não o devia fazer. Esse grau de familiaridade estava reservado para a família.

Ou para casais comprometidos.

Ela ficou a olhar para a carpete.

— Não estamos noivos, meu senhor.

— Pois não. Mas não por muito tempo.

Colin deu-lhe um beijo na face.

— Vou deixá-los a sós.

— Não faça isso — sibilou ela, deitando-lhe a mão à manga.
— Colin, não. Não me podes deixar.

Mas os seus esforços foram em vão. O cunhado escapou-se-lhe das mãos, abandonando-a.

Sem alternativa, virou-se e olhou para o marquês. A julgar pelo cansaço visível à volta dos olhos, não dormira mais do que ela na noite anterior. Contudo, tinha arranjado tempo para tomar banho, fazer a barba e vestir um casaco azul-escuro, combinado com calças de couro imaculadas e botas polidas.

Charlotte nunca confiou em pessoas que se apresentavam assim tão bem logo de manhã.

Colocou uma madeixa de cabelo rebelde atrás da orelha.

— Não é possível que tencione propor-me casamento.

— É possível e é o que vou fazer. Dei a minha palavra à sua mãe, a Sir Vernon e agora ao seu cunhado também.

Charlotte abanou a cabeça, incrédula.

— Esta situação é intolerável.

Ele não respondeu.

— Desculpe — disse ela. — Não queria parecer tão insensível. Não é que seja o último homem na Terra com quem escolheria casar-me. Não sou estúpida a ponto de fazer uma afirmação dessas. Acho sempre ridículo quando uma mulher diz uma coisa dessas. O último homem, a sério? Quero dizer, o mundo tem muitos criminosos e imbecis. E, mesmo eliminando esses, deve haver milhões que raramente tomam banho.

— Então está a dizer que fico acima da média.

— No quartil superior, seguramente. Mas é precisamente por isso que merece mais do que casar com a primeira rapariga impertinente que literalmente se atirou a si.

Um sorriso subtil aflorou-lhe aos lábios.

— O que a leva a crer que foi a primeira?

Oh, valha-me Deus. Lá estava ele a esbanjar encanto outra vez. O dia mal tinha começado e era demasiado cedo para o seu humor subtil. Ela ainda não tinha preparado as suas defesas.

— O senhor é marquês e diplomata.

— Mas não sofro de amnésia. Ainda me lembro de quem sou.

— Então, devia lembrar-se disto: precisa de uma mulher que seja elegante e brilhante. A anfitriã perfeita.

O olhar dele pousou em Charlotte de uma forma perturbadora.

— A única coisa que quero verdadeiramente obter através do casamento, menina Highwood, é um herdeiro.

Ela engoliu sonoramente em seco.

— Não preciso de casar pelo dinheiro nem pelas relações — continuou ele. — A menina, contudo, podia beneficiar dessas coisas que eu tenho. Da minha parte, preciso de uma noiva jovem e saudável, de preferência inteligente e bondosa, para me dar filhos e garantir a minha linha de sucessão. A situação em que nos encontramos, embora inesperada, pode funcionar vantajosamente para os dois.

— Então, está a propor-me um casamento de conveniência — disse ela. — Uma simples transação. A sua riqueza pelo meu ventre.

— Essa é uma descrição bastante grosseira.

— É uma descrição honesta.

Talvez ele não precisasse verdadeiramente de uma parceira mundana e elegante. Talvez encontrasse a sua necessidade de companhia noutros lugares e a única coisa que quisesse fosse uma noiva fértil sem o inconveniente do namoro.

Mais uma razão para sair daquela situação.

Ele conduziu-a até junto de um par de cadeiras e fez-lhe um gesto para se sentar. O corpo de Charlotte estava entorpecido.

— Embora este talvez não seja o casamento que tenha idealizado — disse ele —, desconfio que o vai achar satisfatório. Como Lady Granville, terá uma excelente casa. Na verdade, várias.

— Sim — disse ela com voz fraca. — Parece que me lembro do número cinco.

— Também terá dinheiro para os seus gastos, um legado e entrada nos escalões mais altos da sociedade. Quando tivermos

filhos, não precisa de ficar responsável pela educação deles. Resumindo, terá tudo o que desejar.

— Com uma exceção notável — disse ela.

— Diga-me e será seu.

Como poderia não ser óbvio?

— Gostaria de me apaixonar.

Ele fez uma pausa para pensar.

— Acho que isso pode ser negociado. Depois de me ter dado um herdeiro, claro, e apenas se prometer ser discreta.

Ela estava incrédula.

— Compreendeu-me mal, meu senhor. Gostaria de me apaixonar pelo homem com quem casar. E mais, gostaria de ser amada por ele também. Não quer o mesmo quando se casar?

— Para dizer a verdade, não. Não quero.

— Não me diga que é um daqueles homens de cabeça dura que se recusa a acreditar no amor.

— Oh, acredito que o amor existe. Mas nunca o quis para mim.

— Porque não?

Ele desviou o olhar, como se estivesse a escolher cuidadosamente as palavras.

— O amor tem o dom de baralhar as prioridades de uma pessoa.

— Espero bem que o faça — disse Charlotte rindo um pouco. — Se for verdadeiro.

— É precisamente por isso que o amor é a única coisa que não me posso dar ao luxo de ter. Tenho deveres e responsabilidades. Muitas pessoas dependem da minha capacidade de avaliar de forma fundamentada. Há uma razão para os poetas usarem o verbo «cair» quando se referem ao amor: uma pessoa está «caidinha por alguém», e não «elevada por alguém». A queda não tem como ser controlada, não se pode escolher o local onde se cai.

Charlotte achou que ele talvez tivesse razão, de certo modo. Mas, mesmo que conseguisse decepcionar Delia, suportar os

mexericos e desistir de tudo o que pensava que queria... não se imaginava a concordar em casar sem amor.

Não se pode comer amor, tinha ela ouvido insistentemente a voz da mãe lembrar. Por outro lado, não podia conversar com um monte de moedas. E não podia encontrar a ternura nem a paixão numa vasta casa vazia. Ou em cinco casas.

Conhecia-se demasiado bem. Um casamento cortês não iria manter-se cortês por muito tempo. Havia de tentar fazer o marido amá-la e, se tal tentativa falhasse, havia de ficar ressentida. E acabariam por se desprezar mutuamente.

Era por essa razão — pouco importavam os esquemas e os planos da mãe — que Charlotte tinha prometido a si própria que seguiria apenas o seu coração.

— Não posso concordar com um acordo de conveniência, meu senhor. A sua dedicação ao dever pode ser admirável, mas «deitar-me e pensar em Inglaterra» simplesmente não é para mim.

A voz dele tornou-se baixa e tenebrosa.

— Não posso prometer-lhe tudo o que deseja, mas prometo-lhe isto: quando a levar para a cama, não vai pensar em Inglaterra.

— Oh.

Quando ele falara em levá-la para a cama na noite anterior, deixara-a sem fala.

Desta vez, deixou-a sem respiração.

Não era a mais bela das irmãs Highwood — essa honra pertencia a Diana. No entanto, Charlotte sabia que era razoavelmente bonita, dentro dos padrões ingleses. Já tinha sido admirada pelo sexo oposto — até fora beijada uma vez ou duas. Mas esses admiradores eram todos rapazes, percebia agora.

Lorde Granville era um homem.

Por baixo daquele sobretudo elegante de corte impecável, havia de ser todo músculo e tendão esculpido e firme. O corpo dele havia de ser duro em todas as partes nas quais o dela era macio. Havia de ter cabelo escuro disperso em sítios intrigantes.

— Charlotte.

Com um sobressalto, ela voltou à realidade.

— Sim?

Céus. Tinha estado a imaginá-lo despido outra vez.

A sala estava insuportavelmente quente.

— Simplesmente não é justo — disse ela, lamentando, no seu íntimo, soar tão infantil. — Não cometemos nenhum pecado. Porque não diz a verdade a Sir Vernon? Que foi à biblioteca dele para... — Inclinou a cabeça confusa. — Afinal, o que estava a fazer na biblioteca dele?

— Não interessa.

— Talvez não. O que importa é que um outro casal teve um encontro escandaloso na secretária. Não devíamos ser castigados por isso.

O olhar dele prendeu-se no dela.

— Se não nos casarmos, só um de nós será castigado. E não vou ser eu.

— Eu sei.

O mundo felicitava os homens pelas suas proezas sexuais, mas era cruel com as mulheres que se atrevessem a ter o mesmo comportamento. Ele poderia sair desta situação incólume. Ela ficaria arruinada. Sem amigos. Sem amor. Sem a grande desejada viagem.

Infeliz.

Lorde Granville devia ser mesmo decente, se estava disposto a fazer aquilo por ela. O cavalheiro perfeito.

Ele aproximou-se e pegou-lhe na mão.

— Eis o que proponho.

Por favor, não me proponha casamento. Não agora, que a minha determinação está tão fraca.

— Um acordo — disse ele.

Ela perscrutou-o.

— O que vamos acordar? Ou melhor: o que quer o senhor acordar? Estou perdida.

— Vamos garantir à sua mãe e a Sir Vernon que temos um acordo. Um acordo privado que deve ficar entre nós até ao fim da minha estadia. Anunciar um noivado passada uma noite só iria dar origem a mais mexericos. Mas depois de duas semanas... ninguém o questionará.

Ela riu alto.

— Toda a gente o questionará. Esqueceu-se da minha reputação? Nunca vão acreditar que me pediu em casamento de livre vontade. Vão considerar que tem sorte por ter conservado todos os membros.

Apesar das suas objeções, Charlotte sabia que aquele era o melhor desfecho que aquela conversa poderia ter. O «acordo» que ele sugeria não era uma verdadeira solução, mas pelo menos dava-lhe algum tempo. Teria duas semanas para encontrar outra solução para a situação.

E tinha de encontrar uma solução desse por onde desse. Para bem dos dois.

As palavras de Colin acorreram-lhe novamente à memória. *Acredito em ti, querida. Mas, a menos que os amantes misteriosos apareçam, mais ninguém vai acreditar.*

Não era provável que os amantes misteriosos aparecessem. Mas tal não significava que não pudessem ser encontrados. Estavam no campo, não em Londres. As possibilidades eram limitadas. Se Charlotte conseguisse descobrir a sua identidade e forçá-los a confessar...

Então ela e Lorde Granville ficariam livres.

Duas semanas. Seria, com certeza, tempo suficiente. Teria de ser.

— Muito bem. Está acordado.

Pôs-se de pé e apertou-lhe a mão bruscamente.

Ao virar-se para se ir embora, ele reteve-lhe a mão.

Ela olhou para a mão dele e depois para ele.

— Meu senhor?

— Vão estar à nossa espera. A sua mãe, o seu cunhado e Sir Vernon. Não posso deixá-la sair da sala com esse aspeto.

Desconfortável, Charlotte levou uma mão ao cabelo.

— Com que aspeto?

Ele puxou-a para si.

— O aspeto de quem não foi beijada.

Tudo o que eles querem é evitar um escândalo.

Numa noite de outono, Charlotte Highwood encontra-se na biblioteca da família Parkhurst com Piers Brandon, o Marquês de Granville, quando ambos presenciam um tórrido encontro. Está escuro e nenhum deles é capaz de identificar os amantes. Mas mais alguém na mansão testemunha o acontecimento, e começam a correr rumores de que foi Charlotte, que tem fama de se envolver em escândalos, uma das figuras implicadas.

Um plano parece ser a solução.

Para que Charlotte não seja associada a um novo escândalo, nem Piers forçado a revelar o verdadeiro motivo por que se encontrava na biblioteca, ele decide confessar que estava a fazer-lhe uma proposta de casamento. Charlotte considera tudo um absurdo e resolve-se a descobrir a identidade dos verdadeiros amantes para provar a sua inocência. Põe então em prática um plano para desvendar o mistério.

Mas a aproximação de ambos pode deitar tudo a perder.

O plano aproxima Charlotte de Piers, que prova ser um homem cheio de segredos, mas também de encantos, a que é difícil resistir. Charlotte vê-se, então, num impasse. Deverá ela arriscar tudo para provar a sua inocência? Ou render-se a um homem que se revela incapaz de amar?

Da mesma autora, para ler e sonhar:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8869-73-9



9 789898 869739

Ficção Romântica